

# DEPÓSITOS DE AMETISTA NA REGIÃO DE NOVA BRÉSCIA E FONTOURA XAVIER, RIO GRANDE DO SUL

*Pedro Luiz Juchem<sup>1</sup>; Rudi José Pereira de Souza<sup>2</sup>; Bruno Souza Hope<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> Laboratório de Gemologia/UFRGS – Porto Alegre, RS; <sup>2</sup> Mineração RS Ltda.- Lajeado, RS

**RESUMO:** A ametista e a ágata são os principais materiais gemológicos produzidos no Rio Grande do Sul, que é atualmente o principal fornecedor desses bens minerais para o mercado internacional de gemas. Esses minerais gemológicos ocorrem preenchendo cavidades parcial ou totalmente preenchidas nas rochas vulcânicas da Formação Serra Geral (Bacia do Paraná). Os principais depósitos de ametista localizam-se no Distrito Mineiro de Ametista do Sul (norte do RS), mas existe também produção na região entre Quarai e Santana do Livramento e em Caxias do Sul, além de depósitos importantes em Chopinzinho (PR) e Entre Rios (SC). A região entre Lajeado e Soledade (RS) é de importância histórica na produção de gemas, pois foi onde começou a produção de ametista e ágata no RS no início do século XIX. Em várias localidades entre esses dois municípios é registrada produção esporádica de ametista, extraída em pequenos garimpos, muitas vezes como uma complementação econômica de famílias de pequenos agricultores. Há alguns anos atrás começaram a ser explorados de forma mais regular alguns depósitos de ametista nos arredores dos municípios de Nova Bréscia e Fontoura Xavier, localizados na região entre os dois municípios antes citados, despontando como uma nova área promissora de produção comercial de ametista nesse estado. Existem registros da existência de 10 áreas de exploração, onde é produzida ametista e citrino (por tratamento térmico) de boa qualidade gemológica e que tem obtido boa aceitação no mercado. Algumas dessas áreas, no entanto, estão atualmente com as atividades de mineração paradas, devido à baixa cotação do dólar americano no Brasil, moeda que regula o mercado nacional e internacional de gemas. A ametista desses depósitos é extraída em cavas abertas a céu aberto na rocha alterada ao longo das encostas dos morros e também em túneis subterrâneos, estes desenvolvidos na rocha não intemperizada. Existem dois horizontes de rocha mineralizada, denominados na região de nível baixo e nível alto. No primeiro, a camada produtora está localizada mais próxima dos níveis de drenagem dessa área, sendo constituída de uma rocha vitrofírica afanítica, de cor preta e brilho vítreo a resinoso, constituída basicamente por vidro vulcânico envolvendo cristálitos e micrólitos de plagioclásio e máficos e, por vezes, microfenocristais desse mesmos minerais. Essa é a rocha onde se encontra a ametista de melhor qualidade, de cor violeta mais intensa e cristais mais desenvolvidos e límpidos, que podem ser destinados à lapidação. O outro nível portador de minério situa-se na porção mais superior de alguns morros, na qual a ametista é extraída de uma rocha afanítica, de cor cinza a cinza claro, constituída por micrólitos e/ou microfenocristais de plagioclásio e piroxênio, envoltos em uma matriz vítrea já bastante alterada para argilo minerais. A ametista extraída dessa rocha é de cor violeta menos intensa, mas produz citrino de boa qualidade gemológica após tratamento térmico. Em ambos os níveis, a petrografia somada a dados químicos das rochas portadoras de ametista, indicam se tratar de rochas vulcânicas ácidas, com a composição variando entre dacito e riolito.

**PALAVRAS CHAVE:** AMETISTA, VULCANISMO SERRA GERAL, BACIA DO PARANÁ.